



Recebido em:01/03/2014

Aceito em:24/04/2014

STEIGMANN-GALL, Richard. **O Santo Reich. Concepções Nazistas do Cristianismo 1919-1945**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.

Resenhado por Caroline Alves Marques Mendes¹

<http://lattes.cnpq.br/9171655552924146>

A obra intitulada *O Santo Reich*, de Richard Steigmann-Gall, se propõe a analisar, de forma geral, as recepções do cristianismo pelo movimento nazista do início do século XX. A crença do senso comum de que o movimento não era cristão (chegando até mesmo a afirmar, nas opiniões mais radicais, de que os nazistas eram, na verdade, um grupo anticristão) é refutada nessa obra através da quantidade significativa de documentos da época, como imagens e discursos oficiais, que atestam a importância que o cristianismo tinha dentro do Partido Nacional dos Trabalhadores Alemães.

Richard Steigmann-Gall, é professor de História associado da *Kent State University*, e foi diretor do *Jewish Studies Program*, de 2004 a 2010. Em 2003, publicou *The Holy Reich* pela editora *Cambridge University Press*. Em 2007, a revista *Journal of Contemporary History* publicou um simpósio sobre o livro.

A obra fez grande sucesso em muitos países, visto que se trata de um assunto há muito tempo discutido na historiografia e também um assunto que desperta a curiosidade da sociedade em geral. A questão de como um movimento tal como o nazista, que exterminou 70 milhões de seres humanos, era capaz de ver em Jesus Cristo, a figura na qual poderiam se inspirar gera polêmica, e essa obra desvenda essa grande questão alicerçada em documentos essenciais da época.

¹ Graduanda em História no Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação de André Leonardo Chevitaress, com o projeto de pesquisa "A Recepção de Martinho Lutero no Período Nazista: o uso do Cristianismo para a Legitimação do Antijudaísmo - historiografia e cinema".

A obra é dividida em sete capítulos, e o autor opta por apresentá-la da seguinte maneira: no capítulo 1, se propõe a analisar de que forma o cristianismo se tornou um recurso de propaganda do partido e um meio para legitimar o anti-semitismo e socialismo nazistas; o capítulo 2 aborda a questão da divisão sectária entre os protestantes e os católicos na Alemanha e de que forma os nazistas reagiram a ela para que essa divisão não atingisse o partido; no capítulo 3, os "paganistas"², considerados hegemônicos no partido pelo senso comum, são analisados pela forma como criaram conflitos com os nomes mais importantes do movimento nazista.

A partir do quarto capítulo, o autor considera que, para analisar o uso do cristianismo pelo partido nazista, também deve ser levada em conta a atuação do partido em termos práticos: assim, Steigmann-Gall analisa de que forma a doutrina nazista se amoldava com a ideologia cristã e como esses valores em comum permaneciam ou eram descartados antes e depois da chegada ao poder, em 1933; o capítulo 5 trata de apresentar a relação da Igreja com o Estado, apontando a necessidade que o Estado via em unificar as igrejas do Reich; no capítulo 6, o escritor norte-americano faz um paralelo entre a igreja e o partido nazista através das afirmações de membros do partido de que o cristianismo guiava seus propósitos sociais; finalmente, no capítulo 7, o autor expõe o fracasso em tentar criar uma igreja do Reich unificada e a tentativa de anticristãos de banir o cristianismo do nazismo, e aponta que, apesar disso, o movimento nazista nunca se apresentou como anticristão.

Em sua introdução, o autor delinea as coordenadas da sua análise e indica que pretende reexaminar a suposição aceita pela sociedade de que o nazismo não foi um movimento cristão. Para isso, divide sua defesa em duas partes: na primeira mostra os cristãos alemães dispostos a aceitar as doutrinas nazistas pelo fato dessas se encaixarem com as suas; a segunda examina os alemães cristãos dispostos a legitimar sua ideologia nazista através da intelectualidade e história alemã.

Para expor sua primeira hipótese, o historiador afirma que ser cristão, para os nazistas, fazia sentido não só pela questão do antissemitismo - o que parece mais óbvio à primeira vista - mas que os nazistas viam vantagem em ser cristão também por serem, as duas doutrinas, contrárias ao marxismo, liberalismo, os direitos das mulheres e a homossexualidade. Portanto, era dessa forma, bem mais

² Para Steigmann-Gall, resumidamente, os paganistas eram entendidos como pessoas determinadas em "criar uma nova religião que ligasse as pessoas diretamente a Deus, sem que fosse filtrada por autoridades mundanas intermediárias" (pp. 320).

fácil para que os dois - igreja e partido -, juntos, pudessem manter o controle da sociedade e estipular as regras segundo suas ideologias em comum.

Partindo dessa ideia, o texto remete ao debate historiográfico acerca da questão da convivência das igrejas alemãs com o regime nazista cuja discussão é acirrada nos anos 60 do século XX. O livro apresenta os principais nomes inseridos nessa questão como, por exemplo, Guenter Lewy³ e Gordon Zahn⁴ e, segundo Steigmann-Gall, as discussões desenvolvidas por esses autores, trazem uma "certeza cada vez mais empírica" (pp. 21) de que muitos alemães tinham a convicção de que o movimento nazista era cristão. Porém, essa mesma corrente historiográfica afirma que os líderes do movimento não eram cristãos sinceros. Nome indispensável dessa corrente é John Conway⁵, que acredita que os cristãos estavam cegos às práticas do nazismo.

Para a segunda hipótese, é abordada a questão das origens do antisemitismo, que se manteve durante meados do século XX. A relação do nazismo, nesse âmbito, não era tanto com a igreja, e sim com o campo intelectual da história da Alemanha. Fritz Stern em *The Politics of Cultural Despair*, 1963, procurava a gênese da ideologia nazista por intermédio do campo intelectual e da história do povo alemão. Nesse caminho, afirma que os alemães buscavam inspiração em linhagens anticristãs que surgem com a "morte de Deus" nietzschiana. Nessa lógica, de acordo com alguns autores⁶, o nazismo surge como uma fé substituta ao cristianismo, porém, com uma máscara cristã.

Como fora mencionado, o capítulo 1 se propõe a analisar de que forma o cristianismo se tornou um recurso de propaganda do partido e um meio para legitimar: 1- o anti-semitismo e 2- o socialismo nazista. Os nazistas escolhiam ser cristãos: a) pela luta contra os judeus; b) pela disseminação de uma ética social; c) pela resistência a uma fragmentação religiosa dentro do país. Assim, o partido nazista afirma defender o "cristianismo positivo", um conceito que, segundo Steigmann-Gall, é propositalmente indefinido para que possa abarcar muitos significados.

Justificativas para seguir Jesus Cristo são citadas no texto. Há inspirações como Arthur Dinter, biógrafo de Jesus Cristo, que defende a exclusão do Antigo Testamento. Há Goebbels, que via Deus como interventor da História e, consequentemente, Adolf Hitler, como instrumento divino. O próprio Hitler, definindo Jesus como "nosso maior líder ariano". A religião se sobrepondo à raça,

³ Autor da obra *The Catholic Church and Nazi Germany*, 1964.

⁴ Autor de *Catholics and Hitler's Wars*, 1962.

⁵ Autor de *The Nazi Persecution of the Churches*, 1968.

⁶ George Mosse, em *The Nationalization of the Masses* e Michael Burleigh.

do que diz respeito ao antissemitismo e ao socialismo pois, segundo Hans Schemm⁷, a raça é um conceito materialista, e era considerado marxista qualquer tipo de materialismo. O socialismo nazista era inspirado na vida de Jesus Cristo:

"Na realidade, porém, não existe nenhuma novidade nessa Weltanschauung. Sempre que leio os Evangelhos do Novo Testamento e as revelações de vários profetas... fico impressionado com tudo que foi feito com os ensinamentos desses homens divinamente inspirados, especialmente Jesus Cristo, que são tão claros e únicos, de elevada religiosidade. Foram eles que criaram esta nova visão de mundo que hoje chamamos de socialismo; eles a instituíram, a ensinaram e a viveram! Mas as comunidades que se denominaram igrejas cristãs não compreenderam isso! Ou, se o fizeram, negaram Cristo e o traíram!" (Adolf Hitler)⁸.

O segundo capítulo, como descrito acima, aborda a questão da divisão sectária entre os protestantes e os católicos na Alemanha e de que forma os nazistas reagiram a ela para que essa divisão não atingisse o partido. O questionamento sobre quem foi o culpado por dividir as igrejas é exposto nesta parte da obra. Goebbels, contrariando a grande parcela nazista fiel ao luteranismo, afirma ter sido Martinho Lutero o responsável pela divisão das igrejas. Porém muitos membros do partido nazista acreditavam ter sido o catolicismo o culpado, justamente por não ceder a Reforma. Essa briga continua e o nazismo, pautado no totalitarismo, opta por proibir a participação da igreja na vida política.

No terceiro capítulo, os "paganistas", anticristãos radicais, considerados hegemônicos no partido pelo senso comum, são analisados pela forma como criaram conflitos com os nomes mais importantes do movimento nazista. Os "paganistas" defendem que a doutrina cristã é o exato oposto da nazista, e que a fé "pagã" deveria ser central na ideologia do partido pois ela traria de volta os antepassados alemães do misticismo nórdico. O autor da obra investiga neste capítulo de que forma esse grupo dentro do partido nazista reagia ao cristianismo, se tinha um limite para essa rejeição a Jesus Cristo e qual a dimensão da recepção que eles obtiveram dentro da escolha dos nazistas em se declararem cristãos.

No quarto capítulo, é analisada de que forma a doutrina nazista se amoldava com a ideologia cristã e como esses valores em comum permaneciam ou eram descartados. A dúvida que se produziu sobre a sinceridade dos cristãos nazistas é tirada pelo autor, que afirma ser sincera todas as correntes religiosas do partido. Além disso, ele questiona o fato de existir o *Luthertag*⁹ já que o partido repudiava

⁷ *Gauleiter* de Bayreuth e líder da Liga Nacional-Socialista dos Professores.

⁸ A citação é retirada de Steigmann-Gall, 2004:64. No entanto, o autor norte-americano a retira de TURNER, Henry Ashby (Ed.). *Hitler: Memoirs of a Confidant*. New Haven, 1985.

⁹ Dia de Lutero, comemorado em 1933, em Wittenberg, Alemanha.

um clero politizado. Logo, Steigmann-Gall afirma que há limites para o interconfessionalismo declarado pelo partido que é sucumbido pela rejeição dos nazistas ao internacionalismo da Igreja Católica.

O quinto capítulo trata de apresentar a relação da Igreja com o Estado, apontando a necessidade que o Estado via em unificar as igrejas do Reich. Com o declínio da Igreja Protestante na Alemanha, algumas correntes defenderam que esse era o plano de Adolf Hitler desde o começo: excluir a religião da política gradualmente. Porém, o historiador norte-americano acredita que o fim das igrejas dentro do estado nazista se deu por divergências internas do partido.

Os argumentos utilizados pelo autor para demonstrar porque Hitler não fora hostil ao protestantismo são: a) criou-se, durante o regime, o Ministério da Igreja do Reich; b) foi possível, dentro de um Estado não-democrático, que fossem realizadas eleições na Igreja. Somente quando Hitler percebeu a impossibilidade de unir os fragmentos do protestantismo dentro do Estado, ele desistiu de sua ideia de criar a Igreja do Reich. Além disso, a tentativa de coordenar a Igreja demonstra que, para os nazistas, essa instituição era importante e compatível com a ordem nazista.

No capítulo 6, o escritor norte-americano faz um paralelo entre a igreja e o partido nazista através das afirmações de membros do partido de que o cristianismo guiava seus propósitos sociais. Mesmo nazistas cristãos que eram contra o secularismo do partido, ou seja, as instituições protestantes que reivindicavam maior independência, seguiam as doutrinas do partido. Esse, coordenava as instituições religiosas, mas não por uma atitude anticristã e sim, por conta do caráter exclusivista do regime. Nada contra tinha o regime aos clérigos. O anticlericalismo nazista só era percebido quando no envolvimento da igreja na vida secular.

Como fora enunciado, capítulo 7 expõe o fracasso nazista em tentar criar uma igreja do Reich unificada e a tentativa de anticristãos de banir o cristianismo do nazismo, e aponta que, apesar disso, o movimento nazista nunca se apresentou como anticristão. O autor narra a *Kirchenaustritt* (abandono da igreja), que ocorreu no final da década de 1930 e se deu, em sua maioria, dentro do partido, e o surgimento de uma nova modalidade de cristão, o *Gottgläubige* (crentes em Deus), que servia para designar pessoas cristãs que não pertenciam à nenhuma igreja.

A deteriorização da relação da igreja com o partido chegada nos seus limites. Muitas medidas em prol do secularismo do movimento são tomadas. Fora determinado que nenhum político nazista deveria ocupar cargo oficial em igrejas.

Porém, o que prova que a igreja protestante, mesmo que mutilada, teria lugar no regime é o fato de que, na Polônia, em Warthegau, onde não havia restrições legais vindas da Alemanha, a utopia nazista é concluída, separando totalmente a igreja do estado, porém mantendo a vida religiosa dos fiéis. Além disso, após a derrota política para a Igreja Protestante, Adolf Hitler se torna anticristão, mas continua a defender Jesus Cristo.

Em nível de conclusão, o autor afirma que o cristianismo não representou uma barreira para o nazismo e que ainda deu as bases ideológicas para muitos de seus membros através das reinterpretações das políticas cristãs. O cristianismo positivo, para Steigmann-Gall é a mistura de princípios econômicos do luteranismo confessional e da doutrina e eclesiologia do protestantismo liberal. Em tese, era uma resposta à secularidade da modernidade.

A parceria igreja e estado não deu certo porque, segundo o autor, a rivalidade da igreja com o partido nazista se desenvolveu porque a igreja concordava com a doutrina nazista, mas ela queria, não apenas dar as bases para essa doutrina, mas também implementar, da sua forma, as políticas sociais que fariam com que ela estivesse no controle. Mesmo com a decadência da igreja, Lutero continuou sendo considerado tanto entre os "paganistas" quanto entre os cristãos como "grande herói e reformador religioso" (pp.325).

A obra se propõe a analisar a relação do cristianismo com o partido nazista. A ênfase na Igreja Protestante é dada, pois foi essa instituição que mais contribuiu para introduzir o sentimento cristão nos alemães fiéis ao nazismo, porém, a Igreja Católica não fica de fora dessa explanação e todo o ódio que os nazistas desenvolveram contra essa instituição fica bem claro nas inúmeras menções que são feitas por declarações de membros do partido contidas no livro. A divisão dos capítulos, obedecendo a cronologia, é providencial, para que o leitor entenda como a queda da Igreja Protestante e, conseqüentemente do cristianismo, dentro do estado nazista não foi premeditada por Adolf Hitler. Assim, a concepção do senso comum de que o movimento não teve relações com o cristianismo é desfeita.

O uso de rica documentação, como fotografias e discursos oficiais de membros do partido nazista, inclusive Adolf Hitler dão o toque de legitimidade para a obra. A documentação é tão importante que não pôde ficar de fora dessa resenha, como pode ser visto na fala de Hitler exposta anteriormente. A obra se torna, assim, indispensável para se entender, detalhadamente, a função que o cristianismo desempenhou quando utilizado como instrumento para o movimento nazista.